

BALADA PARA O MEU AMIGO SIBERIANO VLADIMIR GONCHAROV

Conheci o Professor Vladimir Goncharov no final de 2001 quando telefonei para o Departamento de Matemática da Universidade de Évora, com o objectivo de encontrar algum professor deste Departamento que falasse a língua russa. Precisava de ajuda para traduzir informações importantes e necessárias aos imigrantes que haviam começado a aprender a língua portuguesa com um grupo de professores (portugueses), voluntários onde me incluía, num projecto da Cáritas Diocesana de Évora.

Ele ajudou-me muito a comunicar com esses imigrantes que tinham situações diversas de vistos ou a falta deles, de contratos de trabalho, de descontos para a Segurança Social, etc. Isto porque, desde o início daquele projecto rapidamente nos apercebemos que para quem está ilegal, a informação para aceder aos organismos oficiais que permitem a legalização ou de algum modo melhorar a vida, era e continua a ser, tão importante, como aprender a língua portuguesa.

Mais tarde estive também connosco no Projecto que apelidámos de “Aprender ao Longo da Vida”, na Escola Básica 2, 3 de Conde Vilalva, também em Évora, no âmbito do Ensino Recorrente e que envolveu alguns professores daquela escola também voluntários. Durante este projecto a Escola Básica 2, 3 Conde Vilalva em colaboração com os técnicos do Ensino Recorrente e os professores voluntários envolvidos organizaram um Encontro que teve a presença de Comissários Europeus ligados ao ensino de adultos e, de novo, Vladimir (permitam que o trate assim), esteve presente.

Vladimir era um homem muito bondoso e sensível aos problemas dos OUTROS! Lembro bem muitas situações que o comprovam. A título de exemplo direi que um dia fomos informados que dois imigrantes viviam numas águas-furtadas, ali perto do Hospital Militar e um deles tinha uma perna partida. Vladimir acompanhou-me na visita que fiz a estes dois imigrantes e, logo ali, disponibilizou a sua casa para aqueles irem para lá viver, até aquele recuperar a sua locomoção.

Esta nossa parceria de ajuda aos OUTROS permitiu que a nossa amizade não parasse de se fortalecer e não mais deixámos de saber um do outro.

Festejávamos o Natal, a Páscoa, os aniversários muitas vezes em minha casa, com a minha família ou em casa dos meus irmãos ou ainda em sua casa, com os seus amigos ou com a sua mãe de quem me tornei também amiga.

Lembro com saudade as suas enormes Árvores de Natal que sempre com grande antecedência encomendava e que tinham que ser transportadas em carrinha de caixa aberta porque não cabiam num carro utilitário como o meu. Decorava-as com objectos da sua infância que lhe traziam memórias boas, sobretudo de uma das suas avós, ou com pequenas lembranças que trazia de cidades por onde já passara.

Cozinhava muito bem. Fazia bolos muito delicados e saborosos da sua tradição familiar. Tinha muita paciência para fazer pratos sofisticados e demorados, como por exemplo, as suas gelatinas coloridas feitas com mão de vaca e cenouras que demoravam mais ou menos 8 horas no fogão!

Vladimir gostava de me apresentar amigos que o visitavam e alguns deles tornaram-se e permanecem ainda meus amigos.

Em 2007 convidei-o para falar de Matemática à minha turma de 4º ano de escolaridade, ali na Escola Básica do 1º ciclo no Bairro do Frei Aleixo, em Évora, a meninos de 9 anos, onde, de uma maneira divertida me deixou a mim e aos meus alunos admirados, muito atentos e curiosos. Depois, recorrentemente, ele lembrava com alegria e satisfação essa sua experiência com aqueles pequenos alunos.

Gostava de ir à minha courela, caminhar pelo olival, colher plantas aromáticas, apanhar figos, falar das minhas abelhas e inteirar-se das minhas preocupações com as mesmas, saborear o mel de rosmaninho, admirar a beleza dos sobreiros, tocar a cortiça...

Em Évora, Vladimir viveu em três habitações, mas, nesta última, na Quinta da Soeira, era a casa de que ele mais gostava. Tinha um jardim lindo que eu vi crescer e onde havia aromáticas, a glicínia, cujo perfume adorava, as roseiras e o cipreste, porque gostava da ideia de esta ser a árvore que nos leva a olhar o céu.

Lembro também com emoção que algumas vezes me disse que a nossa amizade o levou a gostar mais de Évora. Talvez porque fale dela com entusiasmo e o prazer de a dar a conhecer.

Lembro ainda como gostava de o ouvir falar de Irkutsk, do enorme Lago Baycal, da floresta siberiana e, ultimamente como havia subido a temperatura ambiente, também por lá.

Lamento agora não ter cumprido a promessa em que ele tanto insistia, de que um dia qualquer iria visitá-lo lá, em sua casa – nós achamos que temos sempre tempo para tudo!

E lembro, com ternura quando me telefonava e perguntava: “Há tanto tempo não nos vemos – Já não gostas de mim?”

- De todas essas vezes, tal como hoje, irei sempre dizer-te, onde quer que estejas, meu amigo, que terás sempre um lugar no meu coração!

(Testemunho apresentado por Custódia Casanova no Encontro de Matemática, na Universidade de Évora, em 30 de Novembro de 2018, em memória de Vladimir Goncharov).

Nota: Custódia Casanova escreve de acordo com a antiga ortografia.